

“THE DARK AGES OF WAR”: UMA ANÁLISE DA OBRA *THE ART OF WAR IN THE MIDDLE AGES* (1885) DO HISTORIADOR MILITAR BRITÂNICO CHARLES OMAN¹

Rafael Costa Prata

Universidade Federal de Sergipe
Integrante do Vivarium – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do
Medievo (Núcleo Nordeste)
rafaelcostaprata@hotmail.com

Resumo: Por muito tempo uma historiografia militar tradicional, situada aos fins do século XIX e início do século XX, difundira a ideia de que não havia uma planificação tático-estratégica por parte das lideranças militares que ditavam os rumos dos conflitos ocorridos no cenário bélico medieval. Tendo isto em vista, este breve artigo objetiva compreender quais os principais fundamentos defendidos por este viés de pensamento, tomando para isso como *corpus documental* de análise, a obra *The Art of War in the Middle Ages* (1885) do historiador militar britânico Charles Chadwick Oman, por entender que tal obra nos oferece um sintomático paradigma do pensamento historiográfico de toda uma corrente em questão. Nossa perspectiva está em sintonia com as novas vertentes de abordagem da temática bélica no Medievo, em especial, as pesquisas conduzidas pelo medievalista Francisco García Fitz, da qual utilizamos para contrapor as ideias defendidas por essa antiga historiografia militar. Assim, o nosso artigo também está direcionado a ilustrar como tem sido efetuada uma benéfica renovação dos estudos direcionados a temática em questão.

Palavras – chave: Idade Média; Guerra; Charles Oman

"THE DARK AGES OF WAR": A REVIEW OF THE WORK THE ART OF WAR IN THE MIDDLE AGES (1885) OF BRITISH MILITARY HISTORIAN CHARLES OMAN

Abstract: For a long time the traditional military historiography, situated in the late XIXth and early XXth centuries, disseminated the idea that there was not a tactical and strategic planning by the military leaders that dictated the course of the conflicts occurred in the medieval warfare scene.

With this in mind, this brief article aims to comprehend what are the main principles defended by this way of thinking, taking thus as source the work *The Art of War in*

¹ O presente artigo é parte integrante da nossa pesquisa monográfica de conclusão de curso de Graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe. Tendo sido orientada por Bruno Gonçalves Alvaro, professor de História Antiga e Medieval do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe e pesquisador do Vivarium – Laboratórios de Estudos da Antiguidade e do Medievo (Núcleo Nordeste).

Middle Ages (1885) from the military historian Charles Chadwick Oman, understanding that this work offers us a symptomatic paradigm of a historiographical thought trend. In tune with the new trends of approach on the medieval warfare theme, mostly, the researches produced by the medievalist Francisco García Fitz, which we use to counter the ideas defended by this traditional military historiography, our article is directed to illustrate how a benefic renovation on the studies directed to this theme has been conducted.

Keywords: Midle Ages; War; Charles Oman

Introdução

Os estudos produzidos pela tradicional historiografia militar da segunda metade do século XIX e início do XX acabaram por enraizar, por durante muito tempo, certamente um paradigma bastante depreciativo acerca da composição do cenário bélico medieval. Encabeçada por renomados teóricos da arte da guerra, como Carl Von Clausewitz, Basil Liddel Hart e Charles Oman, esta tradicional historiografia, de maneira geral, tendia a caracterizar a Guerra Medieval como um amontoado desordenado e destituído de qualquer caractere organizativo e estratégico, praticada por uma horda de bárbaros selvagens sem quaisquer respeito à disciplina e a disposição hierárquica.²

Entretanto, as raízes desta percepção devem ser procuradas em um passado não tão recente. Sua gênese remonta diretamente a um problemático preconceito incidente sobre a Idade Média, promovido primeiramente pelos humanistas no século XIV, e largamente difundidos a posteriore pelos iluministas durante o século XVIII, na qual se procurava representar o Medievo, de forma geral, como uma “uma interminável noite que os raios de sol do século XVI enfim dissiparam”.³

Com efeito, em virtude desta “legenda negra” instaurada⁴, o Medievo inevitavelmente passaria a ser encarado pelos observadores da época como um período

² Convém destacar que esta percepção tem sido combatida graças a uma nova corrente historiográfica que tem se empenhado em dar à guerra medieval, uma caracterização mais justa e consoante ao que se efetuava em seu tempo. Certamente, um dos grandes contribuintes neste sentido, é o medievalista espanhol Francisco García Fitz que, tem procurado demonstrar como as lideranças militares castelhanas no decorrer da Idade Média Central, durante o chamado Processo de *Reconquista*, se utilizavam de eficientes artifícios militares e políticos, com um forte embasamento tático e estratégico, a fim de obter a concretização de seus objetivos territoriais e políticos.

³ AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2006. p. 537-551. p.538.

⁴ Curiosamente, a despeito desta legenda negra formada, durante o século XIX formou-se outro estereotipo tão depreciativo para o Medievo quanto o primeiro: uma “legenda rosa”, criada pelo movimento romântico. Estes, preocupados em repudiar a “modernidade” que se instalava, passaram a

de transição a ser esquecido, um verdadeiro hiato entre as virtudes e as glórias da Antiguidade Clássica e a nova realidade que se desejava construir – e legitimar-se ideologicamente – a partir do advento do esclarecimento intelectual obtido com a razão renascentista e por fim, pelas luzes iluministas.⁵

Como parte fundamental das estruturas sociais, políticas e econômicas medievais, a Guerra não fugiria então às considerações negativas desses críticos de outrora, tendo em consequência, sido alvo das análises de alguns filósofos e pensadores da época – renascentistas e/ou iluministas –, que procuraram manifestar suas inflamadas considerações acerca do que teria se constituído o cenário bélico medieval.⁶

Serve-nos como um riquíssimo paradigma nesse sentido, o caso do filósofo humanista italiano Nicolau Maquiavel que em uma de suas obras menos conhecidas, *A Arte da Guerra* (1519), deixava entrever entre as linhas que compunham seu tratado militar, que a força motriz que o impelira a escrevê-la teria sido a de resgatar de um passado distante, a Antiguidade Clássica, as noções básicas militares que teriam sido progressivamente esquecidas durante o Medievo, no claro intuito de reencaminhar novamente os príncipes ao inteligente uso da arte bélica como instrumento da política e das relações do Estado com seus cidadãos partícipes.⁷

Dita estas questões, o presente artigo objetiva, em especial, debruçar-se acerca do posicionamento de um destes teóricos militares contemporâneo, o historiador militar britânico Charles Oman (1860 - 1946), por acreditar que a sua obra nos ajuda a ilustrar de forma significativa boa parte do posicionamento da historiografia militar de seu tempo acerca da composição do cenário bélico medieval.

procurar no Medievo, uma época idílica, palco das raízes nacionais e da liberdade humana. O Medievo era visto, em linhas gerais, como “um período esplêndido, um dos grandes momentos da trajetória humana, algo a ser imitado, prolongado”. In: FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média. Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.12.

⁵ Conforme Baschet, a construção desta áurea depreciativa sobre o Medievo possui, em sua essência, um sentido político e de promoção ideológica. Para ele: “a ideia de um milênio de obscurantismo corresponde a interesses precisos: a propaganda dos humanistas, de início, e, mais tarde, o elã revolucionário dos pensadores burgueses ocupados em solapar os fundamentos de um regime antigo, do qual a Idade Média é a quintessência”. BASCHET, Jérôme. **A Civilização feudal: do ano mil a colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006. p.26.

⁶ Para o historiador militar, John Keegan, a guerra “é sempre uma expressão de cultura, com frequência um determinante de formas culturais e, em algumas sociedades, é a própria cultura.” KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.28. A guerra na sociedade medieval se constituía como um fio condutor aos eixos de organização política, social e econômica, ocupando um espaço verdadeiramente funcional no processo de ordenamento e, sobretudo, de identidade para uma sociedade que era orientada desde sempre a enxergar na guerra o pilar fundamental de suas estruturas, significado ou expressão mais clara de sua própria cultura.

⁷ MAQUIAVEL, Nicolau. **A arte da guerra**. Trad.: Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

Para tal, utilizaremos como *corpus documental* de análise, sua obra *A Arte da Guerra na Idade Média*⁸ escrita no ano de 1885, na qual o autor em questão procura desprender uma serie de comentários depreciativos acerca do que considerava ter sido a verdadeira face da guerra executada em toda a Idade Média.

The Dark Ages of War: da derrocada dos valores militares da Infantaria Romana a ascensão de uma “ética cavaleiresca grosseira”:

De forma contrária a outros teóricos militares de sua época, como o Marechal Carl Von Clausewitz e o Coronel Basel Liddel Hart, que em suas obras apenas lançavam algumas considerações em torno do cenário bélico medieval, sem muito se debruçarem no mesmo, em 1885, o historiador britânico Charles Oman, lança então uma obra inteiramente dedicada ao estudo das praticas guerreiras executadas no decorrer de toda a Idade Média.

A Arte da Guerra na Idade Média nasce com o objetivo de detalhar a natureza da Guerra Medieval no decorrer dos seus mil anos de execução, desde o que seria o seu possível “surgimento” ocorrido na confluência do mundo romano com o germânico durante a Antiguidade Tardia, até a sua feição tida como a mais característica, simbolizada no *fazer a guerra* a molde *cavalleiresco*, típico da Idade Média Central e da Baixa Idade Média⁹.

No entanto, a falsa ideia de que uma maior aproximação frente à temática em questão poderia acarretar uma diminuição de certos prejuízos deve ser afastada, haja vista que, Charles Oman, acaba por sustentar opiniões que não só o aproximam dos demais teóricos de sua época, como também ajudam a reforçar a mencionada visão depreciativa em torno da Guerra praticada durante a Idade Média.

Seu claro posicionamento pode ser visivelmente atestado em uma paradigmática citação proferida noutra obra de sua autoria, em que este sustenta que “trás la caída del Imperio Romano e la disolución de las legiones, y especialmente durante la época de

⁸ Por se tratar uma obra em língua inglesa e sem tradução em nossa língua, o nosso trabalho de análise foi efetuado sobre a versão original inglesa, de modo que, nossas observações – em especial, as citações do autor – aparecem através traduções minuciosas que procuram ao máximo, manter o sentido original do que foi escrito, de modo a não alterar, distorcer ou de outro modo destituir da frase, o sentido original pensado por aquele autor britânico.

⁹ Charles Oman, aliás, expressa claramente seu objetivo com esta obra na introdução da mesma. Para ele, aquela intenciona detalhar aquele que é o período histórico onde ocorre “a ascensão, supremacia e declínio da cavalaria pesada como o centro das decisões na guerra”. OMAN, Charles. **The Art of War in the Middle Ages (A.D. 378 – 1515)**. Oxford: Oxford University Press, 1885, p.2.

mayor esplendor de la caballería feudal – la Plena Edad Media –, la táctica y la estrategia casi desaparecieron de las prácticas militares de Occidente”.¹⁰

Uma atitude em especial efetuada no decorrer de toda a obra por este autor, nos ajuda sobremaneira a fundamentar de imediato esta questão: Charles Oman, no seu exercício de análise da trajetória histórica da guerra medieval, se utiliza de forma incessante em inúmeras situações, de um clássico termo depreciativo que há séculos envolve a Idade Média: a expressão *The Dark ages*.¹¹

Desta forma, rapidamente Oman nos indica qual será o caminho que o guiará no prosseguimento de sua obra, pois, ao iniciar o seu trabalho de coleta e verificação dos indícios da Guerra que era praticada naquele momento, assume como um verdadeiro axioma o fato de que:

*As características gerais do período demonstrem uma história militar relativamente simples. Da estratégia pouco poderia haver de uma idade em que os homens se esforçaram para conquistar seus objetivos através do simples combate ao invés de optar pela utilização de operações hábeis.*¹²

Com essa orientação, Oman traça toda a trajetória do que teria sido a Guerra Medieval, desde as práticas guerreiras executadas durante a Antiguidade Tardia, passando pela Guerra Cavaleiresca, até atingir o seu suposto termino, que para ele teria como o momento derradeiro, o advento das armas de fogo, as quais marcariam o início de uma guerra eminentemente moderna.

Quanto às origens da guerra medieval, para encontra-las, conforme aquele, deveríamos remontar então até meados do século IV e V, onde encontraríamos um período de transição entre duas épocas, de natureza visivelmente confusa e complexa, cujas instituições de outrora, inclusive a própria instituição militar, “passam a ser deixadas para trás, e uma nova ordem das coisas se desenvolve”.¹³

O primeiro grande sintoma desse novo *estado das coisas* seria a gradual perda do sentido devido da utilização da honrada nomenclatura *Legião*, um título intimamente ligado às honrarias militares do Antigo Estado Romano. Para ele, após os tempos de Justiniano, nada mais justificava de forma prática a continuidade do uso desta

¹⁰ OMAN apud GARCÍA FITZ, Francisco. **Las Navas de Tolosa**. Barcelona: Ariel, 2008. p.21.

¹¹ Convém mencionar que o autor lançaria oito anos após esta de nossa análise, uma obra intitulada *The Dark Ages 476–918: Period I of Periods of European History*, se utilizando novamente como visto da supracitada expressão, o que nos ajuda fundamentalmente a demonstrar como aquele autor era adepto desta corrente e acima de tudo reproduzidor em suas obras deste desprezo pela Idade Média.

¹² OMAN, op. cit., p.15.

¹³ Ibid. p.3

nomenclatura, que rapidamente se tornava obsoleta, pois passava a representar “uma forma de eficiência militar que já tinha desaparecido completamente”.¹⁴

Seu desaparecimento se devia ao fato de que aquela “maravilhosa combinação de força e flexibilidade, tão sólida, tão ágil e fácil de usar, tinham deixado de corresponder às necessidades do momento”.¹⁵

Em substituição a esta aclamada *Legião*, se observaria uma progressiva ascensão de uma nova classe militar, a *Cavalaria*, aspecto que marcaria de forma singular não somente a derrocada destas *Legiões* dentro daquele conturbado cenário militar, mas principalmente passa a demarcar o início de uma nova fase, o milênio desta *Cavalaria*, que suplantando a *Infantaria*, iria assumir o controle da guerra praticada durante o período em questão.

Para Oman, a História da Idade Média em termos militares, é, portanto, a história da derrocada da Infantaria e da ascensão da Cavalaria como o principal filão atuante dentro das ações bélicas, o que denotaria não somente em sua visão, como a de outros historiadores militares que compartilhavam do mesmo pensamento, um enorme decréscimo, pois, como veremos mais a frente, a ascensão dessa Cavalaria teria significado a entrega das instituições militares a sujeitos poucos dotados para aquilo a que estavam imbuídos, em suma, haveria tido uma substituição dos antigos e aclamados valores, como a disciplina e o respeito à disposição hierárquica - características das legiões romanas - em detrimento de uma “ética cavaleiresca grosseria” cujo fundamento primordial seria em todo caso, a obtenção de uma façanha pessoal, negligenciando o caractere coletivo que devia envolver a organização de uma empreitada bélica.

Por compreender que esta “suposta suplantação da Cavalaria”¹⁶ frente à Infantaria se dá de forma gradual, Oman nos informa que é possível encontrar resquícios de uma antiga guerra que ainda privilegiasse o corpo da Infantaria como o nervo da Guerra, no decorrer da Antiguidade Tardia e posteriormente na Alta Idade Média. Entretanto, a Idade Média Central marcaria o fim desta questão, pois seria o momento da concretização desse processo, a qual levaria ao controle da guerra, uma

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Destacamos entre “aspas” a expressão em questão, pois, como veremos adiante, esta questão tem sido reiteradamente contestada pela atual historiografia militar, que tem procurando demonstrar como essa visão, um verdadeiro axioma para a época, não está em consonância com a realidade do período.

Cavalaria formada, como veremos adiante, por homens que seriam pouco dotados ao exercício a que deveriam estar profundamente capacitados.

Por conseguinte, Oman atribui a duas questões específicas localizadas no Baixo Império Romano, como as possíveis causas deste declínio da *Infantaria* em pró de uma emergente *Cavalaria*: a mudança significativa de orientação no *fazer a guerra* do exercito romano e o impacto exercido pela entrada do fator *bárbaro* em suas fileiras.

Tais aspectos têm sido reiteradamente apontados não somente por historiadores militares do porte de Oman, mas como também por pensadores como Nicolau Maquiavel, que enxergavam nas convulsões sociais, políticas e militares do Baixo Império Romano, as motivações que explicariam a derrocada de um Império que outrora fora glorioso por mil anos, justamente pelas qualidades de suas instituições, inclusive, em destaque, a militar, que sustentara e possibilitara justamente o apogeu daquele Império essencialmente conquistador.

No quesito militar, quando Roma passa a renunciar a sua *ofensividade*, optando por dar ênfase a uma necessária defesa de suas regiões de fronteira, o *limes*¹⁷, em virtude das inquietantes *invasões bárbaras*, passando a necessitar cada vez mais de tropas que pudessem se mover com mais facilidade e velocidade – logo, a cavalo – o corpo de *Cavalaria* passa a ganhar uma importância fundamental dentro desta nova conjuntura.

Entretanto, segundo o autor:

*Outro fator mais decisivo influenciou neste aumento no número e na importância da cavalaria. A Ascendência da Infantaria Romana sobre os seus inimigos já não era tão marcante quanto nos séculos passados, logo, por isso, estavam obrigados a serem mais fortemente apoiados pela cavalaria do que em qualquer outra época.*¹⁸

E de outro modo, o que já seria bastante visível naquela conjuntura, era o fato de que:

*O estado de espirito do exercito romano já não era mais o mesmo: já não tinha uma feição homogênea, e diante da oferta insuficiente de recrutamento, os escravos e os bárbaros foram ganhando cada vez mais espaço dentro das legiões, e não só entre os grupos auxiliares.*¹⁹

¹⁷ O *limes* eram regiões de fronteira onde “romanos e não romanos habituaram-se a se encontrar e a fazer trocas, começando a dar a luz uma realidade intermediária: ela torna-se o eixo involuntário em torno do qual os mundos romanos e bárbaros convergiam”. BASCHET, Jérôme. **A Civilização feudal: do ano mil a colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006. p.50.

¹⁸ OMAN, op. cit., p. 4-5.

¹⁹ Ibid. p.5.

Consoante ao pensamento de Nicolau Maquiavel, Charles Oman entendia que um dos fatores que justificavam a gradual descaracterização de todo o aparato bélico romano se deu por conta da aceitação cada vez maior de bárbaros em suas fileiras, haja vista que esta adesão significava a quebra da antiga coesão de uma Infantaria significativamente formada por cidadãos subservientes ao Império, a despeito de uma nova ordem que agora passava a admitir a inclusão de guerreiros que somente “obedeciam diretamente aos seus comandantes imediatos, e eram estranhos a disciplina do exercito romano”.²⁰

Enfim, ao que parece, a rápida escalada dos “bárbaros” dentro das fileiras do exercito romano teria ocasionado uma rápida “cavaleirização” de um antigo exercito que, por séculos, havia sido aclamado justamente pela importância conferida a *Infantaria*.

Da confluência entre estes dois elementos culturalmente distintos, porém militarmente afeitos, teria se sobressaído à vitória do individuo a cavalo sobre aquele que lutava a pé, de forma que, dentre pouco tempo, este acréscimo de raiz germânica se tornaria também uma matriz fundamental de uma sociedade que rapidamente teria no *godo*, uma espécie de “ancestral direto de todos os cavaleiros da Idade Média, inaugurador dessa ascendência do cavaleiro que perduraria por mais de 1000 anos”.²¹

Esta “germanização” das fileiras teria trazido consigo uma inevitável ruptura drástica frente a um planejamento tático e estratégico na prática bélica observada do século V em diante, haja vista que, ao perderem gradualmente seus espaços naquele processo, a *Infantaria* e as *Legiões* cediam o seu espaço dentro do cenário militar, a um séquito heterogêneo desprovido de qualquer uniformidade, e no campo do controle, a uma *Cavalaria* que não teria as virtudes necessárias para assumir com eficiência o comando na Guerra.

Porem, este processo só teria se alastrado a partir do século IX, pois até aquele momento, conforme Oman, a organização militar medieval ainda conseguia apresentar alguns raros casos de exceção, como por exemplo, aquele oferecido pelo Império Franco nas mãos de Carlos Magno, que ao convocar anualmente seu séquito partindo de um padrão militar, com regras e leis específicas de convocação, se apresentava como

²⁰ Ibid. p.8.

²¹ Ibid, p.7.

um modelo impar, pois ainda resguardava minimamente valores de uma antiga noção de coesão de um exército, a molde do que havia sido outrora o exército romano.

O *Estado de exceção* oferecido pelo Império Franco é tão crucial para Charles Oman que, em sua percepção, “a crise na história militar da Europa coincidiu com o rompimento de todo o poder central durante o colapso da dinastia de Carlos Magno”.²²

O tamanho destaque oferecido por Oman à ruptura do Império Carolíngio com suas estruturas políticas e militares e o suposto impacto causado por estas se justificaria pelo fato de que, dali em diante:

*Na ausência de qualquer resistência organizada nacional, a defesa do Império caiu nas mãos dos condes locais, que agora se tornaram pequenos soberanos. Em torno destes governantes mesquinhos, os proprietários rurais foram se aproximando a fim de obter a proteção em uma época de guerra e de anarquia.*²³

Em sua percepção, a partir daquele momento, se instaura uma verdadeira “anarquia” nos pilares da sociedade medieval, em virtude da quebra da centralização política do Império Franco, ou seja, justamente no momento em que o Feudalismo passa a ganhar feição. Este pensamento se aproxima assim, do posicionamento efetuado por uma corrente historiográfica que defende a chamada *Mutação do Ano Mil*²⁴, sobre a qual, inúmeras mudanças teriam ocorrido no Ocidente Medieval a partir do ano 1000, as quais teriam transformado radicalmente as estruturas sociais, políticas e econômicas daquele espaço geográfico.

Como consequência dessas transformações, o processo de acastelamento que se aprofunda a partir do ano mil, e a reorganização política do Ocidente Europeu nos pequenos micros poderes resultantes do processo de Feudalismo, acabam por orientar a guerra a uma nova diretriz, de ordem particular, passando a atender de forma objetiva aos interesses privados daqueles senhores feudais.

Do século X em diante, quando para Oman se torna mais do que visível que a *Cavalaria* sobrepujara a importância da *Infantaria*, observa-se prontamente que “tanto a

²² Ibid. p.19.

²³ Ibid.

²⁴ Corrente esta defendida por renomados medievalistas como Georges Duby, e contestada por medievalistas como Dominique Barthelemy. Para os contestadores do Mutacionismo, como Dominique Barthelemy, não houve nas proximidades do ano 1000, crise social ou qualquer espécie de distúrbio social que justificasse, por exemplo, a formação das castelhanias e da classe cavaleiresca. Para aqueles, não houve uma ruptura, e sim uma continuidade dentro da história medieval europeia. Um breve resumo dos embates entre os mutacionistas e os “continuístas” pode ser encontrado em: FLORI, Jean. **A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Masdras, 2005, p.11 -15.

tática quanto a estratégia são de uma estagnação quase que completa: só no ramo da Poliocertica que a arte da guerra faz um acréscimo considerável”.²⁵

Ao Cavaleiro da Idade Média Central, aquele que ocuparia o posto de dirigente militar, a organização da sociedade feudal teria feito um simples guerreiro, e não propriamente um hábil comandante que, sabedor da importância da disciplina e da tática em um cenário militar, deveria agir quando necessário, com a desenvoltura própria daqueles que, munidos da aptidão e das virtudes necessárias, correspondiam expectativas naturalmente depositadas em suas figuras.

O despreparo destas lideranças medievais tanto para impor uma clara cadeia de comando como também para fazer respeitar esta normativa frente ao séquito teria sido uma tônica da ineficiência militar das tropas medievais, pois, reunidas com dificuldade, à composição de suas fileiras se dava por homens de natureza pouco afeita a subordinação, cujo “ego” desenfreado de cada um daqueles homens de *Cavalaria*, fazia requerer um líder de habilidade incomum para a época, que conseguisse instaurar uma hierarquia militar frente a todos.

Por conta dessa natureza indisposta a subordinação:

*Era sempre possível que em algum momento da batalha, alguém se precipitasse, por conta de uma formação quebrada, de um plano desconcertado, ou pela imprudência de algum barão que rompia as fileiras para atender aos sussurros inebriantes de obter uma façanha pessoal.*²⁶

A “notória inaptidão” daqueles homens para promover, reproduzir e aceitar uma hierarquia de mando no seio militar teria suas raízes na própria configuração da sociedade feudal, cujo ordenamento se daria visivelmente para atender aos privilégios oriundos de questões sanguíneas, em suma, para fazer valer o posicionamento da *Aristocracia* como estamento social dominante daquela sociedade.

Logo:

*Quando a hierarquia de comando é instaurada tomando como base mais o status social do que a experiência profissional, o nobre que leva o maior contingente ou que ocupa o posto mais alto, se sente no direito de assumir o controle da batalha. Os veteranos que apenas trouxeram algumas lanças para o campo, raramente podiam aspirar a influenciar os movimentos de seus superiores.*²⁷

²⁵ OMAN, op. cit., p. 49.

²⁶ Ibid. p.50.

²⁷ Ibid.

Como consequência, em uma sociedade que privilegia questões sanguíneas em detrimento da experiência e da capacidade pessoal, outro fator acabaria por assumir o papel que caberia à tática e a estratégia: a simples coragem. Motivados por uma vontade insaciável de obter façanhas pessoais, aqueles dirigentes agiam seguindo apenas a virtude da coragem, não arquitetando suas ações por meio de um planejamento tático e estratégico, de modo que:

*Quando a mera coragem toma o lugar da experiência e da habilidade, a tática e a estratégia tendem a desaparecer. A arrogância e a estupidez se combinam para dar certa cor característica para os procedimentos militares de uma típica hoste feudal.*²⁸

O Resultado desta falta de sentido tático e estratégico se fazia refletir diretamente na própria configuração de uma hoste feudal. Por haver pouca vontade em aceitar uma cadeia de comando que ordenasse e distribuísse as tarefas, e, sobretudo, por não haver lideranças militares que parecessem capacitadas para isso, à formação de uma hoste feudal atendia a um padrão estagnado, de natureza uniforme, não havendo, portanto uma capacidade de flexibilidade tática e móvel de suas partes, como havia sido, ao que parece, uma das grandes qualidades do antigo Exército Romano.

Isto por que:

*Como era impossível combinar os movimentos de muitos corpos pequenos, quando as tropas não eram nem disciplinadas e muito menos acostumadas a agir em conjunto, era normal para a Cavalaria formar três grandes massas, e lança-las no inimigo.*²⁹

Oman acrescenta ainda que essa “penúria” na organização, encaminhamento e ação em campo das tropas medievais é tão notória que questões que seriam de ordem comum a qualquer dirigente militar seja qual for à época, deveriam ser vistas como verdadeiras proezas no Medievo. Um exemplo disso é o fato de que “o refinamento de manter uma reserva em mãos foi praticado por poucos comandantes, mas estes eram homens distintivamente avançados para seu tempo”.³⁰

Acrescenta ainda que os próprios cronistas da época costumavam exaltar manobras táticas e estratégicas de natureza simples como extraordinárias demonstrações de sabedoria militar de suas lideranças. Assim:

As precauções mais comuns, tais como dirigir uma reserva em um ponto crítico, ou retirar um corpo para tomar o inimigo no flanco, ou selecionar

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid. p.51.

³⁰ Ibid.

*uma boa posição na qual deseja conceber a batalha, foram considerados casos de ultra - habilidade militar.*³¹

Para aquele, quando acontecia uma rara ocasião da utilização de uma manobra diferenciada ocorria muitas vezes que a liderança militar em questão passava a ser vista como uma grande autoridade no assunto, por ter feito algo, em verdade, de natureza bastante simplória. Parece ter sido esse o caso, por exemplo, de Carlos de Anjou, que conforme Oman, passou a ser visto como um grande comandante militar, porque em uma batalha realizada em Tagliacozzo, soube manter seu Corpo de Cavalaria sobre abrigo, lançando-os posteriormente na retaguarda de seus inimigos gibelinos, aproveitando-se de um momento de dispersão daqueles.³²

Entretanto, se fossemos analisar a fundo as supostas habilidades militares daquelas lideranças, para Oman, a nossa reação seria a de surpresa e profunda decepção, pois perceberíamos que a natureza do que era executado não justificava de forma alguma os pomposos elogios dos cronistas da época.

Oman ainda ratifica o fato de que:

*Nada poderia demonstrar melhor o estágio primitivo da arte militar do que o fato de que os generais solenemente enviavam e aceitavam suas batalhas, procurando se encontrar em determinado lugar e em determinado dia. Sem tais precauções, havia aparentemente um perigo de que os exércitos pudessem perder de vista um ao outro, e desviar-se em diferentes direções.*³³

Conforme o mesmo, essa questão ganha mais relevância quando consideramos que naquela época, “quando os mapas eram inexistentes, e conhecimento geográfico era bastante escasso e impreciso, isso não era caso inconcebível”.³⁴

Apesar disso, Oman cita alguns casos em que os comandantes militares medievais se mostraram preocupados em efetuar uma melhoria significativa nas virtudes militares de seus séquitos, ainda que os resultados nem sempre fossem os procurados. Desta forma, ressalta que:

*A tentativa de introduzir certo grau de eficiência em uma força feudal levou os monarcas a vários expedientes. Frederico Barbarossa se esforçou para impor a disciplina por um rigoroso código de 'Leis de Campo'; através de uma empresa que não obteve nenhum grande sucesso, que se pode perceber, pela enormidade de incidentes ocorridos.*³⁵

³¹ Ibid. p.51-52.

³² Ibid. p.52.

³³ Ibid. p.53.

³⁴ Ibid.

³⁵ Ibid. p.55.

A Indisciplina parecia ser um elemento tão comum a todas as partes componentes de um séquito medieval, seja na ação das lideranças militares até a raia miúda da *Infantaria*, que Oman cita então um exemplo que demonstra como era difícil instituir na guerra medieval, essa noção tão fundamental para o sucesso bélico.

Citando como paradigma o caso do jovem nobre austríaco Egbert Von Bueten, que em 1158 abandonou seu posto, e com mil homens partiu de forma desenfreada para atacar um dos portões de Milão, onde além de desobedecer às ordens de seus superiores, acabaria perdendo a sua vida, Oman acredita que este exemplo não é uma exceção, mas sim verdadeiramente obra do *spirit of the times*, ou seja, o espírito dos tempos que fazia com que esses homens agissem sempre de maneira impensada, desconhecendo qualquer tipo de ação planejada, de molde racional, atendendo a esses impulsos/paixões de ordem pessoal, maximizando desse modo o desrespeito a uma hierarquia imposta ou a algo que procurava se construir nesse sentido.

Charles Oman, a partir desse exemplo, conclui então que: “Se nem a personalidade austera e imponente do grande Imperador pôde ganhar a obediência, a tarefa era mais impossível para os governantes mais fracos”.³⁶

Essa dificuldade em introduzir a disciplina perante todo o séquito se justificaria tendo em vista ao papel marginalizado legado ao corpo de *Infantaria* no decorrer da Idade Média Central, tendo em vista que, a atuação deste filão militar foi:

*Nos séculos XII e XIII, absolutamente insignificantes: soldados a pé, acompanharam os exércitos para não melhor propósito do que ao exercício das funções subalternas do campo, ou para auxiliar nos cercos numerosos do período. Ocasionalmente, eles foram empregados como tropas leves, para abrir a batalha através de demonstrações ineficazes.*³⁷

Desta maneira, novamente a crítica recai a uma suposta marginalização conferida ao corpo da *Infantaria*, processo que teria lhe acarretado prejuízos de toda ordem, as quais, de forma decisiva iriam gradualmente refletir na pouca eficiência daquele corpo durante suas execuções da guerra medieval. Essa suposta ineficiência militar teria como a sua principal causa:

A natureza miscelânea de seu armamento. Tropas como os Lowlanders escocêses, com suas lanças longas, ou os sarracenos auxiliares de Frederico

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid. p.54.

*II, com seus arcos cruzados, mereciam algum respeito, devido à uniformidade do seu equipamento. Mas com a Infantaria comum o caso era diferente: exposto, sem disciplina e com uma miscelânea de armas diferentes, frente a uma carga de cavalaria, eles não poderiam combinar para resistir, sendo jogados para baixo e esmagados.*³⁸

Daí que diante dessa ineficiência militar da Infantaria, as lideranças militares medievais não teriam tido outra opção que a de procurar vias ou filões militares “alternativos” para encaminharem suas guerras com mais chances de sucesso. Os principais procurados nesse sentido teriam sido os *soldados mercenários*, os quais aparecem com destaque a partir do século XII, quando se tornam:

*O instrumento que os reis, mesmo os da melhor espécie, foram obrigados a buscar e apreciar. Quando as guerras deixaram de ser meros ataques de fronteira, e foram realizadas por longos períodos a uma grande distância das casas, tornou-se impossível de contar com os serviços de imposição feudal.*³⁹

Apesar de apreciar a contribuição militar conferida pelos mercenários, Oman, entretanto indica que o estrangeiro contratado – o mercenário – poderia ser perigoso por conta da ferocidade de sua cobiça, haja vista que, em momentos de paz, aquele poderia se tornar um risco, sendo necessário então, mantê-los apaziguados através de um pagamento regular.

E noutro sentido, não deixa de aproxima-los, ou rebaixa-los, no que tange a eficiência militar, ao cavaleiro feudal comum:

*A eficiência militar do mercenário do décimo terceiro século foi, no entanto, apenas um prosseguimento do desenvolvimento daquele do cavaleiro feudal comum. Como este último, ele era fortemente armado; sua ascensão não trouxe com ele uma mudança radical nos métodos de guerra. Embora ele fosse um guerreiro mais experiente, ele ainda trabalhou no antigo sistema ou falta de sistema que caracterizava as táticas de cavalaria da época.*⁴⁰

Por fim, cabe-nos ressaltar ao menos que Oman acrescenta uma observação certa acerca do fazer a guerra da Idade Média Central ao mencionar que:

*Em toda a história militar do período, a mais marcante característica é, sem dúvida, a importância conferida aos lugares fortificados, e a ascendência assumida pelo caráter defensivo baseado na Poliocertica. Se as batalhas eram poucas, os cercos foram numerosos e de natureza longa.*⁴¹

38 Ibid.

39 Ibid. p.55.

40 Ibid. p.56.

41 Ibid. p.56-57.

E sobre a raridade das batalhas campais no Medievo:

*Grandes batalhas eram, em geral, pouco frequentes: uma realidade que parece estranha, quando as longas guerras do período são levadas em consideração. Anos inteiros de hostilidades produziram apenas algumas escaramuças parciais: em comparação com as campanhas modernas, os engajamentos gerais eram incrivelmente reduzidos. Frederico, o Grande, ou Napoleão, lutaram mais batalhas em um ano do que um comandante medieval em dez.*⁴²

Conclusão

Dita todas estas considerações de Charles Oman, em nossa análise, acreditamos que boa parte de sua crítica residia em um olhar exagerado aos supostos privilégios inerente as chamadas *gentes de guerra*, a *Aristocracia Cavaleiresca*, aqueles que, para o autor, se posicionavam dentro dos altos cargos da hierarquia militar, mais em decorrência de uma “inserção herdada” do que por conta de um atributo conquistado por uma “meritocracia”.

Isto porque no fazer a guerra medieval aparentemente não havia uma preocupação quanto uma devida formação dos exércitos militares – em destaque, uma rigorosa formação baseada no treinamento militar intensivo – haja vista que supostamente os líderes militares daquele tempo, ocupavam seus postos por questões hereditárias e não por uma devida experiência profissional. Contudo, esta menção é deveras equivocada, pois, primeiramente, muitos destes dirigentes militares medievais eram encaminhados desde a tenra idade as grandes casas senhoriais, onde passavam por um treinamento intensivo até se tornarem inteiramente aptos a lide guerreira.

Um caso paradigmático nesse sentido é oferecido pela vida do cavaleiro inglês, Guilherme, o Marechal, que na tenra idade, foi enviado a um castelo de um primo de seu pai na Normandia, para ser devidamente treinado na arte bélica. Guilherme, que dentro em breve se consagraria como o “*melhor cavaleiro do mundo*” por conta de suas inumeráveis proezas nos torneios e justas de sua época, passara então dentro daquele recinto por um intenso treinamento de oito anos, tendo recebido a sua investidura provavelmente pouco depois de ter completado seus vinte anos de idade, quando terminou seu treinamento e foi ganhar a vida nos torneios.⁴³

⁴² Ibid. p.53.

⁴³ Cf. DUBY, Georges. **Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, p.94 – 97.

Outro caso que pode ser citado é a formação militar do cavaleiro castelhano, El Cid, que durante sua juventude, passou por um devido treinamento militar na casa do Príncipe, Sancho II, onde aprendera tudo àquilo que era considerado necessário para empreender uma boa lide bélica.⁴⁴

De enorme importância nesse sentido nos tem sido dado os trabalhos do medievalista espanhol Francisco García Fitz que, dentre outras tantas questões, tem procurado demonstrar em seus estudos que, por mais que a ocupação dos mais altos cargos na hierarquia disposta no *fazer a guerra* medieval fosse orientada em virtude de uma clara situação de privilegio ditado por um posicionamento social, a preparação militar feita a época sobre aqueles situados nas altas posições sociais, posteriormente os tornaria inteiramente aptos a corresponder com total esmero, à expectativa militar depositada nestes.⁴⁵

Charles Oman ao sustentar que do caráter temporal, heterogêneo e dissolúvel das hostes medievais, sobressaía uma clara dificuldade em impor o respeito a uma cadeia de comando, parecia negligenciar o fato de que em uma sociedade onde “la estructura de mando de los ejércitos medievales vino a coincidir con la jerarquia social y política”⁴⁶, o respeito às disposições hierárquicas dentro da esfera militar imediatamente apareceria como um reflexo de toda a configuração social medieval.

O que deve ser reiteradamente mencionado justamente para romper esta ultrapassada percepção é que:

*No podemos perder de vista es que el alto grado de militarización de los grupos sociales superiores, que habían fecho de la guerra una forma de vida y una justificación de sua preeminência, los convertía precisamente em los más capacitados para el combate y para el mando.*⁴⁷

Para reforçar ainda mais esta questão acerca da formação intelectual das lideranças militares, podemos citar a enorme receptividade encontrada na Idade Média por um manuscrito militar tardo - antigo (IV D.C), a *Epitoma Rei Militaris*, de autoria de Flavio Vegécio. Utilizada durante a Idade Média, em especial na Idade Média Central, por um vasto número de príncipes, condes, dirigentes militares em geral, este manuscrito serviu como um verdadeiro livro de cabeceira para muitos dirigentes militares medievais.

⁴⁴ Cf. FLETCHER, Richard. **Em Busca do El Cid**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p.149-153.

⁴⁵ Cf. GARCÍA FITZ, op.cit, p.226.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Ibid.

Se este tratado militar produzido no século IV D.C encontrou uma enorme reprodução literária durante o período, acreditamos que dessa receptividade sobressai uma utilidade prática, pois, em uma época em que o analfabetismo era uma tônica social, a transcrição de manuscritos demonstra um claro sentido utilitário, ficando claro que este manuscrito “era traduzido para ser lido, e não para ornamentar uma biblioteca”.⁴⁸

Marc Bloch, em sua clássica obra *A Sociedade Feudal*, ao demonstrar o modo como os intelectuais medievais nutriam um apreço especial pelos clássicos da Antiguidade, afirma que muitos daqueles homens se utilizavam cotidianamente da *Epitoma*, para resolver questões do ofício militar. Cita então o caso “daquele conde de Champagne, Henrique, o Liberal, que lia no original Vegécio e Valério Máximo; daquele conde d'Anjou, Godofredo, o Belo, o qual, para fazer construir uma fortaleza, recorria também a Vegécio”.⁴⁹

Sobre os possíveis malefícios oriundos de uma “má formação” de um séquito feudal, segundo a perspectiva tradicional, a qual Oman pertence, as formas de recrutamento acabavam por convidar ao exercício da guerra, todas aquelas pessoas da sociedade que, a despeito de qualquer treinamento ou destreza na arte bélica, estivessem dispostos a atuar em combate. Logo, nesta multifacetada horda feudal, teríamos tanto, Cavaleiros como um grande número de soldados do povo, retirados de suas localidades, para servir numa guerra em que, estes últimos, estavam destinados a atuar destituídos, no plano mental e prático, das condições para bem praticá-la.

Esta argumentação historiográfica dá margem a acreditar que as guerras medievais contavam com grande número de participantes e de outro modo que o recrutamento de um séquito medieval seguia uma orientação indiscriminada, aceitando a tudo e a todos, sem preocupação alguma com a qualidade dos combatentes, apenas com a quantidade.

O Medievalista espanhol Francisco García Fitz tem demonstrado como esta percepção é uma verdadeira falácia, utilizando-se inclusive neste propósito, de

⁴⁸ VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar. (*Epitoma Rei Militaris*)**. Tradução de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. Estudo introdutório, comentários e notas João Gouveia Monteiro. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p.121.

⁴⁹ BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982, p.128.

documentos da época para observar e justamente perceber a contrariedade de todas estas questões assumidas por muito tempo como verdades historiográficas.

Nesse sentido, após analisar uma serie de manuscritos bélicos medievais, García Fitz constatou que as próprias lideranças militares sabiam que:

Por una mínima lógica militar, resultaba contraproducente reunir a una masa inarticulada de gentes mal armadas, nada instruídas en cuestiones bélicas y difícilmente gobernables durante el curso de las operaciones. Um reclutamiento masivo e indiscriminado no sólo servía para poco, sino que incluso podía llegar a ser un obstáculo para alcanzar los objetivos propuestos. El principio de que era mejor un ejército formado por pocos e buenos guerreros, que por muchos y malos, de que “más ayuda el valor que el número”, era bien conocido em la Edad Média. Como le advirtieron a Fernando III, nada tenían que aportar en la guerra los que no sabían tomar una lanza para herir, antes al contrario: “de las gentes que van a pelear, los flacos embargan a los flertes, y los cobardes hacen huir a los buenos”. Era necesario, pues, seleccionar, escoger a los hombres que iban a integrarse en la hueste, porque de lo contrario, “cuando pienses que tienes algo, no tienes nada”.⁵⁰

De outro modo, a defesa recorrente da ideia de que a Infantaria foi negligenciada e relegada ao segundo plano durante a Idade Média – praticamente a ideia central de Oman durante toda a obra – renega o fato de que:

Todos os escritores sejam aqueles militares ou clericais, vieram das primeiras fileiras da ordem social. É este aspecto social que explica a omissão relativa de humildes soldados de Infantaria e arqueiros nas fontes: eles sempre estiveram presentes na guerra, mas para eles foram oferecidas pouca menção. Isto tem sido erroneamente tomado como evidência de que seu valor fora limitado, antes do final do século XIII.⁵¹

García Fitz reforça ainda mais esta questão ao mencionar que não podemos nunca deixar de levar em consideração o fato de que:

Las fuentes, tanto las literarias como las históricas, tienden frecuentemente a centrar su atención sobre los caballeros armados en el transcurso de la batalla, marginando el papel que pudieran haber jugado otros componentes de las huestes, como arqueiros, infantes o incluso otras fuerzas montadas de origen social distinto al de la caballería feudal. Desde este punto de vista, es probable que las funciones tácticas de otros contingentes no nobles fueran más importantes de lo que habitualmente transmiten las fuentes, pero que

⁵⁰ GARCÍA FITZ, op.cit, p.160.

⁵¹ MCGLYNN, Sean. The Myths of Medieval Warfare. **History Today**. v.44. 1994. Consultado no dia 11 de novembro de 2012 em: <http://web.archive.org/web/20101229174141/http://www.deremilitari.org/2010/06/the-myths-of-medieval-warfare/>

*por consideraciones de carácter sociológico o ideológico hayan quedado marginadas en el ángulo de visión adoptado por los cronistas.*⁵²

De fato, o que é bastante perceptível nisso tudo é o modo como os tratadistas e/ou historiadores militares que voltaram os seus olhos ao cenário bélico medieval negligenciaram a natureza das fontes históricas em questão, ou por pura falta de manejo na análise histórica ou, em outro caso, que consideramos até mais plausível, porque a adoção desta perspectiva os ajudaria a manter intacta essa percepção *Dark Ages* não somente no que se refere ao caractere bélico, mas como a tudo e a qualquer esfera que esteja associada ao período medieval.

Tomar como corpo de análise um documento medieval, e não associa-lo ao seu contexto e momento de produção, além de evidenciar um erro analítico grave, acabava então por fazer com que aqueles tratadistas muitas vezes tomassem os documentos como verdades de uma época. Ao analisarem uma canção de gesta onde somente os Cavaleiros são louvados, exprimiam, por meio dessa logica, que deveria ser então tal grupo que mantinha a supremacia em cenário bélico. Nesses casos, admitam como uma “verdade” a extração desse sintoma frente ao documento.

Entretanto, paradoxalmente, como demonstramos, muitos destes teóricos militares ao voltarem seus olhares para os mesmos documentos, não encavaram como verdades as proezas cantadas pelos cronistas em torno desses cavaleiros, porque desacreditavam profundamente na capacidade bélica destes. Já mencionamos, em todo caso, como o próprio Oman procurava deixar claro que não se devia levar a serio os louvores feitos pelos cronistas medievais em torno das supostas façanhas militares dos dirigentes da época. Como dito, para ele, tudo aquilo não passava de um enorme exagero, um delírio ideológico e literário de quem escrevia tais documentos.

O Paradoxo reside, portanto, em admitir como uma “verdade” extraída do documento, a suposta marginalização da Infantaria por não haver em tais manuscritos, nada que se refira a ela, e em ultimo caso, que apresente algum tipo de elogio ou algo que seja uma descrição de suas ações bélicas. De outro modo, contestam-se os elogios cronísticos aos dirigentes medievais. Admitem-se, portanto, qualquer fato que possa validar uma “depreciação” do cenário bélico medieval, e renega qualquer questão que não tenha essa função.

⁵² GARCÍA FITZ, Francisco. **Castilla y León frente al Islam: Estrategias de Expansión y tácticas militares (siglo XI-XIII)**. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2005, p.375.

Não se trata evidentemente de um jogo entre admissão e exclusão, mas trata-se na verdade, em lidar com tal documentação, tomando como ponto de partida a complexidade histórica do momento em que o documento é produzido. Partindo dessa perspectiva, conforme García Fitz é possível compreender, por exemplo, essa marginalização da Infantaria frente a Cavalaria como um fruto de um reflexo puramente de natureza ideológica e social; conforme aquele:

*La sombra de la división trifuncional de la sociedad, en la que el papel defensivo corresponde con exclusividad a un grupo humano que se identifica, desde el punto de vista táctico, con la caballería pesada, parece plasmar-se en la mentalidad de unos narradores que deprecian las tareas militares de otros guerreros que, por su condición social, no pertenecen al grupo de los bellatores.*⁵³

Parece obvio, portanto, que em uma sociedade movida – ou que se pretendia fazer aceita - por uma Ideologia de Tripartite Social, construída nas mãos da Igreja, o elogio da guerra deveria ser oferecido aos Cavaleiros, filhos da Aristocracia, e em todo caso, irmãos de sangue dos clérigos que escreviam tais gestas, os quais, também oriundos do mesmo estamento social. Quanto ao povo, a massa camponesa que em tempos de guerra poderia acorrer na formação da Infantaria, não se deveria mencionar, pois o elogio da guerra a estes denotaria, inconscientemente, uma ruptura do estatuto social em questão, na qual estes apareciam na base da pirâmide, provendo os primeiros – Clero e Aristocracia – dos alimentos necessários para a sua subsistência.⁵⁴

Entretanto, há-se de mencionar que Charles Oman não é o único teórico militar a sustentar esta questão. Na verdade, sua percepção acerca do fazer a guerra medieval é paradigmática frente aos outros autores de sua época, daí até ser esse o motivo de sua escolha para nossa análise.

Consoante a Oman, o teórico militar Carl Von Clausewitz, considerado até hoje o maior teórico da Arte da Guerra Moderna, também sustentava a mesma percepção. Em sua obra *Da Guerra* (1816 – 1830), este autor menciona que:

Crê-se habitualmente que, na Idade Média, a Cavalaria era de longe mais numerosa que a Infantaria, e que posteriormente não fez mais do que decrescer. Existe aí um equívoco, pelo menos em parte. Quanto ao número, a proporção da cavalaria não era talvez em média muito mais forte, do que

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Grande clássico da historiografia medieval que apresenta com enorme clareza e profundidade esse imaginário de tripartite social é a obra do renomado medievalista francês Georges Duby intitulada “As três ordens, ou o imaginário do Feudalismo”. DUBY, Georges. **As três ordens, ou o imaginário do feudalismo**. Tradução Maria Helena Costa Dias. 2. ed. Lisboa/Portugal: Estampa, 1994.

*facilmente poderemos observar, através da história da Idade Média, as indicações precisas relativas às forças armadas. Que se pense na massa de soldados de infantaria que constituíam os exércitos de Cruzados ou naqueles que seguiam os imperadores alemães nas suas campanhas romanas. Era a importância da cavalaria que era muito maior. Era a arma mais poderosa, composta pela elite do povo, de forma que era considerada como o elemento essencial apesar da sua considerável inferioridade numérica, enquanto que o soldado da infantaria era pouco estimado e tratado como uma multidão desprezível.*⁵⁵

O Autor acerta ao evidenciar a maior proporção no número daqueles que constituíam o corpo da Infantaria de um séquito medieval, mas erra ao destacar a não inclusão destes nos manuscritos bélicos da época, os panegíricos militares, associando esta questão a uma pouca importância dentro dos eventos. De fato, o que Clausewitz desconsidera em sua percepção, como já bem mencionado, é o fato de que a não inclusão do corpo da Infantaria nos manuscritos, canções de gesta, panegíricos bélicos da época, não se dá por conta de sua “falta de talento” na lide bélica, mas sim porque, em grande parte, aqueles documentos eram produzidos por membros da Igreja sendo destinados a louvar os feitos heroicos de uma Aristocracia Cavaleiresca.

Em contraponto a estas questões, García Fitz tem procurado demonstrar também como esse axioma historiográfico que postula uma supremacia da Cavalaria frente à “insignificância” da Infantaria em cenário bélico tem sido recentemente matizado e, sobretudo superado, por uma nova historiografia militar, que tem optando em trilhar seus caminhos através da adoção de um novo viés analítico que passa a destacar, por exemplo:

*El grado de colaboración que llegaron a alcanzar en combinación con la caballería pesada durante la batalla, ya fuera como protección de ésta en caso de retirada o como punto de reagrupamento, ya formando una retaguardia cuando se preveía una manobra de envolvimento, ya luchando de forma independiente o iniciando los ataques mediante el uso de armas de tiro, em su papel de arqueros o ballesteros.*⁵⁶

A fim de concluir a nossa explanação, há de se mencionar que, Charles Oman e outros tantos teóricos militares de sua época, encaravam como uma verdadeira “profissão de fé”, a oportunidade de desviarem seus aguçados olhares ao cenário bélico medieval, a fim de oferecerem aos seus contemporâneos, boa parte deles alunos de escolas militares, a oportunidade de um contra modelo para as suas ações.

⁵⁵ CLAUSEWITZ. Carl Von. **Da Guerra**. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 356.

⁵⁶ GARCÍA FITZ, op.cit, p.374.

Charles Oman, que escrevia suas obras de natureza militar em meio aos conflitos bélicos que intensificavam as acaloradas relações entre os estados europeus durante o apogeu do Imperialismo ao final do século XIX e no decorrer da primeira metade do século XX, desejava, assim como seus contemporâneos, ditar-lhes tudo aquilo que deviam manter-se afastados durante suas participações no cenário bélico.

Desta maneira, todo o conjunto de “traços ou defeitos” militares perseguidos para serem superados, apareciam aos olhos de Oman, como de natureza essencialmente medieval, daí que o estudo da guerra executada nesse período fosse tão pragmática, convidativa a um sistemático estudo com proveito posterior.

Com esse sentido pragmático, historiadores e/ou teóricos militares como Charles Oman, costumavam resumir assim:

*El conjunto de actuaciones que un ejército debía evitar a toda costa: la indisciplina, la insubordinación y el desorden, la falta de coordinación y conjunción de las fuerzas, la carencia de entrenamiento e instrucción, la inexistencia de un liderazgo adecuado, experimentado y respetado.*⁵⁷

Procurando orientar seus trabalhos como “una enseñanzas pragmática, utilitária y destinada a futuros oficiales o a escuelas militares”⁵⁸, tais estudiosos da guerra, assim como fizeram os renascentistas e os iluministas em um passado remoto, se apropriam então da Idade Média como um instrumento de ensino pragmático dentro de uma nova conjuntura que se quer legitimar – nesse caso, o *fazer a guerra* dos Estados nacionais modernos -, pois sendo esta um hiato entre tempos de glória, vai oferecer então o suporte ideológico necessário para preencher as lacunas dispostas, seja na política, na economia, e nesse caso em especial, na guerra.

Deste modo, se na introdução de nossa reflexão, procuramos inicia-la através de uma rápida síntese sobre como tem sido tratada historicamente a Idade Média, tomamos esta atitude por concordância frente às palavras do medievalista Phillipe Contamine, quando este reitera em seus estudos, que parece ter ocorrido “con la guerra el mismo fenómeno que con la historia del pensamiento filosófico, donde predominaba la idea de que entre la Antigüedad y el Renacimiento se habría intercalado un vacío de un milenio”.⁵⁹

⁵⁷ Idem. **Las Navas de Tolosa**. Barcelona: Ariel, 2008, p.30.

⁵⁸ CONTAMINE apud GARCÍA FITZ, op.cit, p.32.

⁵⁹ Ibid.

Para Charles Oman e outros tantos historiadores militares daquele momento, estaríamos assim diante de uma verdadeira *Dark Ages of the War*, um período marcado pela supremacia em campo de uma classe cavaleiresca, cujo espírito formativo teria sido então essencialmente “contrário à arte militar”⁶⁰ algo a se repelir do presente em curso.

⁶⁰ LIDDEL HART, Basel. **As Grandes Guerras da História**. Tradução Aydano Arruda, 3ª edição. São Paulo: IBRASA, 1982, p.90.